

# O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E O ESPELHO: A INTERDEPENDÊNCIA CONSCIÊNCIA- INCONSCIENTE. A BUSCA INCESSANTE DA VERDADEIRA NATUREZA HUMANA

**Erica Colares Rocha**  
Mestranda HCTE/UFRJ  
erica.colares@yahoo.com

## INTRODUÇÃO

Quem sou eu? Onde reside esse eu? Qual é a essência do meu verdadeiro eu? O homem como ser consciente, que indaga e filosofa, que sonha e quer conhecer, que deseja entender melhor sua natureza, acaba sempre por se fazer estas indagações. Alguns, mais curiosos que outros, se debruçam sobre essas questões e fazem delas seu escopo de trabalho. Estes tentam realizar tarefas hercúleas ao tatearem as respostas no escuro da psique. Tarefa mais que árdua, arriscada ou penosa, que exige dedicação, autoconsciência e cautela.

Deparamo-nos com essas questões e repousamos nos ombros de gigantes pedindo a eles que nos acalentem na busca das respostas. Eles nos ouvem, nos embalam em suas doces melodias filosóficas, retiradas do suor da penosa busca pela essência humana. Sabemos que respostas concretas e absolutas ou verdades últimas nunca serão alcançadas, pode-se somente conjecturar e tentar alcançar algum aconchego, um alento.

Pretensão, insanidade ou luxúria filosófica. Digo, que, na verdade, estas palavras aqui escritas são apenas uma tentativa simplória de um encontro íntimo com o ser.

Como falar do ser humano sem pretensões? Como entender o homem sem tanger a insanidade? Como se propor a realizar um trabalho sem a luxúria filosófica? Impossível! Impossível! Impossível!

Este texto, reflexo de um trabalho que se inicia com a dissertação do mestrado aqui no HCTE, tem como objetivo o entendimento do processo de individuação<sup>1</sup> do ser - que acredita-se ser um processo que ocorre por toda a vida - fazendo um paralelo com o espelho; objeto este, que, crê-

se, também servir para o auto-reconhecimento, entendimento e aceitação, apacando, ou amenizando a necessidade da inquietude humana de se distinguir da massa social, sem deixar de pertencer a ela, nem se isolar num processo narcísico. Não é procurado, aqui, falar da auto-imagem, valores ou crenças. É estudado, não aquilo que nos distingue, mas o que todos (ou quase todos) nós temos em comum, pois, “(...) a voz que grita em mim ‘eu, eu, eu’ é, na verdade uma voz coletiva. A necessidade de insistir na minha particularidade como ser é algo que tenho em comum com praticamente todas as outras pessoas. O desejo que só preciso reconhecer como ‘mim’ aquilo que for familiar e aceitável, a parte racional incumbida do controle também é quase universal.” (DOWNING, 1991: 16)

## **O ESPELHO E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO**

Através dos séculos, o homem teve diferentes visões de si. Entender-se como pessoa é também compreender seu papel na sociedade, seus costumes, seu meio, sua identidade histórica. Os objetos que fabricamos nada mais são do que extensões do nosso corpo, complementos para aprimorar nossos sentidos e atender as nossas necessidades e curiosidades para com o mundo que nos rodeia. Os objetos fabricados pelo homem desenvolvem a sensação de ampliação, nos dão poderes extensos. São nossas defesas, nossas fragilidades. Realizam sonhos e são os sonhos que se tornam realidade através da transformação da natureza. Frutos de nossa imaginação, transmitem nossos medos, angústias e transformam-nas em abrandamento. Fazem do desejo, insano a um primeiro olhar, realidade tátil.

A História é permeada pela figura do espelho, objeto que está presente no cotidiano, nas representações pictóricas, na literatura, na indumentária, que também é sinônimo de luxo, status social, tem grande papel na história da religiosidade, da cultura. Desde o simples reflexo na água, da obsidiana ou do espelho de metal polido até os espelhos que conhecemos na atualidade, este é um objeto que ínsita a introspecção, a curiosidade e o recolhimento, a auto-análise e reconhecimento de si. Portanto, nada mais cabível para ajudar a analisar o indivíduo e entender a sua necessidade de se destacar como ser único e diferente do que o espelho.

Quando deixamos de nos enxergar como uma homogeneidade de seres de uma comunidade, tribo ou classe, e passamos a entender que somos definidos pelas nossas próprias escolhas, ambições, crenças, desejos e vontades, nos vemos como indivíduos. Quem eu sou é formado por

minha história e pela dos meus familiares, pelo ambiente em que estou inserido, pelos meus genes, porém esses não são fatores decisivos, categóricos, na minha personalidade, nas minhas escolhas e, portanto, no meu processo de individuação. Complementando, como cita Christine Downing: “(...) Não sou só o que penso, como propôs Descartes, nem tampouco o que fiz, como alegam os existencialistas; sou também, como aliás Gaston Bachelard tão veementemente mostrou, aquilo que imagino e recordo.” (DOWNING, P. 8) Dando ênfase à declaração: “sou o que imagino”, considerando a afirmativa que: “(...) pensamentos inteiramente novos e idéias criadoras, podem surgir do inconsciente (...)” (JUNG, 38: 1964) é possível entender, então, a importância do inconsciente no cotidiano e na formação do ser. Espaço que não pode ser ignorado, pois é integrante e constituinte da psique humana. “Parte vital e real da vida de um indivíduo” (JUNG, 12: 1964).

Para compreender a individuação é necessário estabelecer qual é o seu objeto, que pode ser resumido, pretensiosamente, na pergunta: quem sou eu? Buscando explicitar o que Locke tentou responder a essa pergunta, Garrett resumiu: “Persons are free, rational, moral agents, living lives that depend for their richness on interaction with others. However, as suggested above, those dimensions are possible only because persons are rational and self-conscious. Self-consciousness is thus the core of personhood.” (GARRETT, 1998: 6)

Se faz mister também ressaltar que há uma diferença entre individualismo e individuação: “(...) Individualismo significa acentuar e dar ênfase deliberada a supostas peculiaridades, em oposição a considerações e obrigações coletivas. A individuação no entanto, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social.” (JUNG, 267)

O processo de individuação é uma busca pela identidade, pelo “autoreconhecimento consistente<sup>3</sup>” pela diferenciação na sociedade, pela construção da personalidade. Erikson assume que há três fatores que são de extrema importância para esta edificação: o biológico, o social e o individual; fatores indissociáveis que se complementam. Para estudar este processo que se prolonga por toda vida, é incessante, contínuo, imprescindível e transcendente, mais do que qualquer outro autor, Carl Gustav Jung consegue transpor esta angústia humana em teoria. Com ele demonstra-se que a individuação percorre toda a evolução humana, na busca incessante de se tornar uma pessoa inteira e completa na sociedade. O autor trata do tema com maestria e competência inigualável, é um grande nome da História da Psicologia, que rompe paradigmas e estabelece novos olhares sobre

o entendimento da psique humana. Como elucida Christine Downing: “(...) Jung busca fazer psicologia a partir da perspectiva da psique e não a partir do ego; a partir de dentro, não de fora. Ele nos convida a ver com a ajuda do inconsciente, em invés de apenas o contemplarmos.” (DOWNING, P. 14)

A individuação, em seu estágio completo, vista como próxima do impossível, já que é realização pessoal plena, é ânsia última da realidade humana. Vontade que permeia e instiga o ser a seguir em frente. Felicidade. Ou como Ponciano Ribeiro ressalta: “estação final na e da caminhada de atualização de potencialidades prontas para formar a Gestalt final: pessoa – corpo – eu.” Jung dirá que: “(...) o homem só se torna um ser integrado, tranqüilo, fértil e feliz quando (e só então) o seu processo de individuação esta realizado, quando consciente e inconscientemente aprenderam a conviver em paz e completando-se um ao outro.” (JUNG, 14: 1964).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espelho é uma materialização da busca do ser, aquela que permeia toda sua existência e é propulsora, tanto quanto outras necessidades humanas, do sentido da vida. É, diga-se, materialização do processo de individuação, a tentativa do homem de se entender como pessoa única inserida numa coletividade. Sem esse auto-conhecimento e aceitação de si, o homem errante encontra-se num vazio. A eterna busca humana pelo entendimento de si, a importância da unicidade e singularidade na sociedade é reflexo da importância do tema.

---

<sup>1</sup>“(...) Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos, pois, traduzir ‘individuação’ como ‘tornar-se si-mesmo’ (Verselbstung) ou ‘o realizar-se do si-mesmo’ (Selbstverwirklichung).” (JUNG, 266)

<sup>2</sup>“Pessoas são agentes morais livres, racionais, vivendo suas vidas que dependem da riqueza da interação com outros. Contudo, como sugerido acima, essas dimensões são possíveis somente porque as pessoas são racionais e autoconscientes. A autoconsciência é o centro da personalidade.”

<sup>3</sup>PONCIANO, 2005: 56.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOWNING, Christine. *Espelhos do self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. Editora Cultrix. São Paulo, 1991.
- FOWLER, Chris. *The Archeology of personhood. An anthropological approach*. Taylor & Francis e-Library, 2005.
- GARRETT, Brian. *Personal identity and self-consciousness*. Routledge. Londres, 1998.
- JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A natureza da psique*. Volume VIII/2. Ed. Vozes. Petrópolis, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O eu e o inconsciente*. Volume VII/2. Ed. Vozes. Petrópolis, 2008.
- LAMBERT, Kenneth. *Analysis, repair and individuation*. Karnac books. Londres, 1994.
- MARTIN, Raymond; BARRESI, John. *Personal Identity*. Oxford. Wiley-Blackwell, 2003.
- PENDERGRAST, Mark. *Mirror mirror: a history of the human Love affair with reflection*. Basic Books. Nova Iorque, 2003.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. *Do self e da ipseidade*. Editora Sumus. São Paulo, 2005.